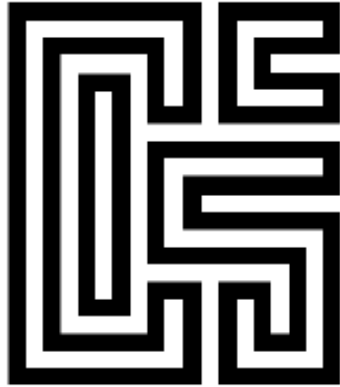


CISC



CENTRO INTERDISCIPLINAR DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA

A MÍDIA ANTES DA MÁQUINA

NORVAL BAITELLO JUNIOR

JB ONLINE, CADERNO IDÉIAS

Sábado, 16 de outubro de 1999

**Como primeira mídia do homem, é preciso ver o corpo também
como texto capaz de comunicar**

Belos e perfeitos corpos nus, também inteiramente despidos de erotismo e sensualidade, propagam os ideais de um estado e de uma política autoritários, mobilizando milhões de espíritos e mentes e massacrando outros milhões de corpos. Corpos jovens em multidões

caminham juntos em espaço público, braços erguidos demonstrando discordância e protesto, e conduzem a mudanças nos destinos da história. Corpos dilacerados estampados na imprensa e veiculados pela televisão contam histórias de violência e terror, de sangue e morte, reavivam no dia a dia as memórias e as narrativas trágicas de tempos de destruição. Corpos esqueléticos, projetos de cadáveres, são retratos e relatos vivos de tempos de fome e miséria, retratos do desequilíbrio que o planeta não consegue administrar. O que todos estes e ainda muitos outros corpos têm em comum em sua imensa diversidade de aparência? Não resta dúvida que não são apenas corpos, mas também meios de comunicação, aquilo que hoje se chama "mídia".

Harry Pross, em seu pioneiro e surpreendente livro de 1972 *Medienforschung* (Investigação da Mídia) classifica o corpo como a primeira mídia do homem, como "mídia primária", aquela que funde "em uma [única] pessoa conhecimentos especiais". Esta pessoa torna-se então a mídia. É essa a comunicação que ocorre no flerte, na articulação e na leitura dos gestos e da mímica facial, no movimento e deslocamento no espaço dos estudantes, sindicalistas, movimentos populares e pequenos produtores da agricultura que vão às ruas em passeata, demonstrando com o próprio corpo seu descontentamento (quem conseguiria imaginar que um banqueiro ou um grande industrial o fizesse de forma semelhante?). Na diplomacia e no cerimonial, também é o corpo e seu portar-se que prioritariamente deve ser regulamentado, quem se senta ao lado de quem, quem cumprimenta quem, onde ficar, como andar, para que lado olhar, que gestos são permitidos e quais são proibidos. Eis a mídia primária. Impensável qualquer interação de um indivíduo com outros indivíduos sem o corpo e suas muitas e múltiplas linguagens, os sons, os movimentos, os odores, os sabores e as

imagens que se especializam em códigos, conjuntos de regras com seus significados, "frases" e "vocábulos" corporais. O franzir do cenho, as rugas e os vincos, o leve e sutil microgesto das sobrancelhas que acenam, o dançar das mãos, o dar os ombros, os milhares de olhares, o muxoxo, o riso, o sorrir e o gargalhar, o choro e o choramingo, a infinidade de nuances de movimentos labiais, a voz e suas modulações, o sentar-se e o estar sentado, qualquer que seja o movimento ou sua ausência, haverá sempre um sentido, uma mensagem a ser lida por um corpo vivo diante de outro corpo.

Ocorre que o homem, em sua inquietude e criativa operosidade, procura aumentar sua capacidade comunicativa, criando aparatos que amplifiquem o raio de alcance de sua "mídia primária". Inventa a máscara, que lhe acentue não apenas traços faciais, mas também lhe amplifique a voz; as pinturas corporais, as roupas, os adereços e depois os aparatos prolongadores e/ou substitutos do próprio corpo inauguram um quadro de mediação mais complexo, o da "mídia secundária". Aí não podemos nos esquecer da escrita e todos os seus desenvolvimentos, carta, imprensa, livro, jornal; tampouco podem-se deixar de fora as técnicas de reprodução da imagem. A "mídia secundária" requer um transportador extra-corpóreo para a mensagem, vale dizer, precisa de um aparato que aumente o raio de ação temporal ou espacial do corpo que diz algo, que transmite uma mensagem ou que deixa suas marcas para que outro corpo, em outro espaço ou em outro tempo, receba os sinais.

Já a "mídia terciária" requer não apenas um aparato para quem emite, mas também um aparato para quem recebe uma mensagem. Para que se possa alcançar alguém e enviar uma mensagem é preciso que os dois lados possuam os respectivos aparelhos: telefone, rádio,

fax, disco, vídeo, televisão, correio eletrônico são os exemplos evidentes.

A complexificação do sistema comunicativo de uma sociedade é decorrência e ao mesmo tempo pressuposto da complexificação da própria sociedade. E também o mais moderno não suprime o mais antigo, a televisão não acaba com o rádio, nem com o jornal. A fotografia não acabou com a pintura. O cinema não enterrou o teatro. Assim também, nem a mídia secundária nem a mídia terciária ocasionaram a supressão do corpo e toda a mídia primária. Eis aqui uma lei: a mídia secundária é a acumulação da primária mais um sistema amplificador. E a mídia terciária é a primária mais dois sistemas amplificadores. Assim, por esta lei da cumulatividade, fica muito claro que qualquer sistema de comunicação conterà necessariamente em seu âmago a interação entre dois corpos.

Mas, se é inegável que o corpo está na base de toda comunicação, também é inegável que o corpo enquanto mídia se altera a cada alteração da cultura e da sociedade da qual faz parte. Porque falar em corpo é falar em uma complexa intersecção entre natureza biofísica, natureza social e cultura. Assim, muito além de ser uma mídia, o corpo é também um texto que tem registrada em si uma enorme quantidade de informações, desde a história da vida no universo até a história cultural do homem, do *homo faber*, do *homo sapiens*, do *homo ludens* e do *homo demens*.

Portanto torna-se imperioso também enxergar o corpo enquanto texto. E todo texto é uma unidade que se complexifica, se altera e se transforma com a história, porque é fruto de um diálogo com os outros textos, com os outros tempos, com o passado e a sua memória, mas também com o futuro e seus projetos, sonhos e utopias. Assim, o corpo

é algo vivo, não apenas no sentido biológico, mas também no sentido semiótico, enquanto texto. Evidentemente a palavra "texto" não se restringe apenas ao universo das palavras e da escrita verbal, mas se amplia para todo e qualquer código da comunicação humana (há textos olfativos como há textos hápticos, há o visuais e os performáticos, há gustativos como também auditivos, e naturalmente há aqueles que combinam muitas linguagens e códigos). Mas, se o texto não é só escrita, ele também não se esquece do traço essencial da escrita: a vitória sobre a morte. Num certo sentido, o corpo, ao tornar-se texto, torna-se também escrita e inscreve-se com isso em uma escala da imortalidade. Por esses caminhos semióticos do corpo trilha o instigante livro de Cleide Campelo, *Cal(e)idoscorpos*. Também o trilham Vicente Romano quando fala dos sentidos de proximidade e sua perda. Pross analisa o uso político do corpo em *Sociedade do protesto*. Ou ainda Dietmar Kamper em sua análise sobre as tentativas do espírito humano de desmaterializar o corpo em favor de um ideal imagético de corpo (v. Carvalho, *Ensaio de complexidade*, Ed. Sulina).

Enquanto ponto de confluência e chave do complexo processo da comunicação, o corpo, em sua "historicidade caleidoscópica" deverá estar sendo resgatado enquanto referência fundamental. Nas palavras de Harry Pross, toda comunicação inicia no corpo e termina no corpo. Por mais que o espírito humano equivocadamente queira endeusar as máquinas.